



IX ENCONTRO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

ISSN: 2594-5688

secretaria@sbap.org.br

Sociedade Brasileira de Administração Pública

ARTIGO

**PERFIL DAS DESIGUALDADES NO BRASIL: ANÁLISE A PARTIR
DOS CAPITAIS DE BOURDIEU**

**CLÁUDIA APARECIDA AVELAR FERREIRA, MARINETTE SANTANA FRAGA, ARMINDO DOS SANTOS
DE SOUSA TEODÓSIO, SIMONE COSTA NUNES,**

**GRUPO TEMÁTICO: 13 Relações Raciais e
Interseccionalidade na Administração Pública**

IX Encontro Brasileiro de Administração Pública, São Paulo/SP, 5 a 7 de outubro de 2022.
Sociedade Brasileira de Administração Pública
Brasil

Disponível em: <https://sbap.org.br/>

Perfil das desigualdades no Brasil: análise a partir dos Capitais de Bourdieu

Resumo:

A desigualdade social impacta a vida de milhões de brasileiros e nos últimos anos se tornou uma crise humanitária mundial. O objetivo do estudo é identificar os capitais de Bourdieu presentes no cotidiano de estudantes universitárias, negras e brancas, por meio da proposição de um modelo construído por Fraga (2020). A partir de uma pesquisa descritiva e qualitativa com 22 estudantes em uma universidade privada foi aplicado o modelo de análise de desigualdades por meio dos capitais de Bourdieu. Os achados demonstram que estudantes negras tem déficit de capital econômico (100%), todas usam ações afirmativas, comparado a 73% das estudantes brancas. Não foi identificado o capital simbólico para as estudantes negras e somente algumas das estudantes brancas possuem este capital. Percebe-se interseccionalidade de raça a por meio do sexo/gênero e classe social, estando as estudantes negras em situação díspares das brancas em alguns capitais.

Palavras-chave: Desigualdade Social. Relações raciais. Interseccionalidade. Política Pública. Gênero.

Introdução

A desigualdade social no Brasil tem exacerbado nos últimos anos. Um quadro que envolve diversas abordagens de estudos, como por exemplo, a da raça e do gênero. Nessas duas, a maioria da população negra se faz mais presente nas classes sociais de menor renda, tendo as mulheres negras na base da pirâmide social.

Dados do CSP-Conlutas (2020), as mulheres negras são mais representativas no trabalho informal e na área de serviço, principalmente doméstico, quando comparadas com mulheres brancas, recebem menor remuneração, sofrem mais violências e morrem mais, devido ao racismo estrutural na sociedade brasileira que ocasiona a desigualdade racial e social.

As políticas sociais voltadas para reduzir tanto a desigualdade social e econômica não tem conseguido ser eficaz no mundo. Nesse quadro, o Brasil vem sendo considerado como um dos maiores, em decorrência do arranjo institucional da sociedade, que foi naturalizado e se mantêm em reprodução, o que reflete na contração da solidariedade social e da convivência democrática (GUARIDO FILHO, 2018).

Por isso, as manifestações de desigualdades refratam o regime político e inviabiliza a ação efetiva das políticas sociais devido à complexidade dos arranjos nas diversas esferas da sociedade. Alcântara e Duarte (2019) apresenta a influência negativa do neoliberalismo na proteção social no campo da assistência social, Andrade e Pereira (2019) apresentam a necessidade efetiva do envolvimento de mulheres negras nas questões que envolve gênero e raça na política de assistência social. Já Caprara (2020) argumenta que a situação de classe social interfere no desempenho dos estudantes da educação básica em termos de rendimentos escolares, trajetória individual e caráter pedagógico.

Por efeito dessa contradição e do cenário de desigualdades, pergunta-se: a partir dos capitais de Bourdieu é possível construir um retrato das desigualdades sociais e raciais no Brasil? O objetivo do

estudo foi identificar os capitais de Bourdieu presentes no cotidiano de estudantes universitárias, brancas e negras em uma universidade privada, por meio da proposição de um modelo construído por Fraga (2020). A abordagem metodológica, desse artigo, foi a pesquisa descritiva e qualitativa (BEHLING; LENZI; ROSSETTO, 2022), na perspectiva interpretativista (PAES DE PAULA, 2016) e adotado a análise de narrativas (CLANDININ; CONNELLY, 2015; DEWEY; 1976). O campo de estudo foi com vinte e duas estudantes em uma universidade privada.

Como referencial teórico inicial foi utilizado a perspectiva de espaço e prática social de Bourdieu e os seus capitais (BOURDIEU, 2002, 2005). Faz parte da fundamentação teórica os estudos de Abramo (2006), Aguiar (2007), Alves (2013) e Stolcke (1991), cujos conceitos contemporâneos de gênero, sexo e de raça culminaram na consolidação de sociedade de classes. As conceitualizações evidenciam as interpretações antagônicas das relações sociais de sexo e das relações de classe em um cenário de exploração e de diferenciação por sexo, em especial, no trabalho que move a sociedade capitalista. Não obstante, as desigualdades sociais são apontadas nas sociedades de classes e legitimadas por representações que, na verdade, não as legitimam em sua raiz devido às diferenças naturais e aos detentores do poder, como no caso do feminismo.

O destaque das contribuições desse artigo é a proposição de um modelo a partir dos capitais de Bourdieu que pode expressar a supressão de determinado capital e o desenvolvimento de outros capitais de forma a retirar as pessoas negras, principalmente, da situação de pobreza. Portanto, existem capitais que são utilizados por essas pessoas, mas que carecem de políticas públicas, parcerias públicas-privadas e mudança cultural de respeito à diversidade para a maximização das práticas.

A prática de tais capitais, no âmbito desse artigo, são iniciativas das pessoas que lutam contra a discriminação, o preconceito de gênero, raça ou etnia. Práticas funcionais e simples que se esbarram na falta de oportunidades, e por outra vertente, são meios de sobrevivência e de luta e resistência. Práticas que podem ser identificadas com os capitais de Bourdieu e se oportunizadas poderão minimizar as desigualdades por meio do tripé da capacitação cultural, econômica e social de distintas classes.

Espaço social, estratificação em classes e capitais de Bourdieu

A visão de Bourdieu possibilita entender a questão da sociedade estratificada em classes ou grupos de status. A situação de classe pode ser definida como posição em um sistema de relações de produção. Por meio da classe social se estabelecem identificações e a forma de partilhar algumas

características econômicas, sociais e culturais (BOURDIEU, 2005).

Bourdieu (2005) cita a definição de Max Weber, para quem a classe social, enquanto grupo de indivíduos, corresponde àqueles que partilham a mesma situação de mercado e tendem a possuir as mesmas peculiaridades no mercado de bens e de trabalho, as mesmas condições de existência e de experiências pessoais. Assim, os grupos são caracterizados por estilos de vida diferentes no espaço social, principalmente o consumo. Os grupos de status eram compostos por um conjunto de homens definidos por uma certa posição na hierarquia da honra e do prestígio.

As classes sociais foram divididas em: classe social alta, formada pela nobreza de títulos, de terras e pelos membros de profissões eruditas; classe média, constituída de mercadores e artesãos abastados; e a classe popular de camponeses analfabetos, composta por pequenos artesãos e trabalhadores não qualificados (BOURDIEU, 2005).

A estrutura social é multidimensional e constituída de três dimensões: a estrutura de capitais em presença, o volume dos capitais e a sua evolução ao longo do tempo. A conjugação desses elementos permite captar tanto os deslocamentos laterais como os horizontais, na estrutura social. Essas dimensões compõem os tipos de capitais estruturais e estruturantes. O capital estrutural é formado pelo capital econômico, capital cultural e o capital social; e o capital estruturante é o capital simbólico. É a soma dos capitais que definem a probabilidade de ganho em um dado campo em dado momento. O capital cultural vem da educação formal que dá base ao indivíduo e dá acesso ao mercado qualificado. Capital simbólico é o capital do reconhecimento, prestígio que dá legitimidade ao indivíduo. Portanto, as pessoas possuem diferentes capitais que delimitam a que grupo pertencer e o espaço a ocupar, por isso, mesmo que a pessoa tenha capital cultural não basta para mudar de grupo ou classe, pois o mundo social é um sistema simbólico (BOURDIEU, 2002, 2005).

Para Bourdieu (1980, 1986, 2005), o capital social corresponde ao capital das conexões geradas pelos vínculos e pela constante interação social entre indivíduos que compartilham normas, atitudes de confiança mútua, pertencimento comunitário, solidariedade e reciprocidade. O capital social está alinhado aos recursos de valor, oriundos da rede de relacionamentos do indivíduo, por meio do acesso as redes sociais. Portanto, esse capital social, formado pelo amplo conjunto de laços fortes e fracos é a base para o desenvolvimento da confiança mútua e armazena as informações e conhecimentos novos, exercendo as funções de controle social, apoio familiar e benefícios, por meio de redes fora da família (FIALHO, 2015). Tais redes podem ser formais ou informais e são fundamentais para o acesso às oportunidades e benefícios das relações. Bourdieu (1985) argumenta que o capital social

funciona como o conjunto de recursos ativos ou potenciais que interligados possibilita uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento ou reconhecimento mútuo. Bourdieu (1990) discorre que a renda por meio do dinheiro, patrimônio e propriedades é o principal capital econômico que se converte em capital cultural e simbólico. O capital cultural apresenta-se sob três aspectos: a) estado incorporado que se refere às condições constantes do organismo; b) estado objetivado em termos de bens materiais relacionados à cultura como quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas que propiciam indicações ou a construção de teorias ou críticas dessas teorias ou levantam indagações sobre determinada situação, dentre outras; c) estado institucionalizado que é a forma objetiva e concreta do capital cultural (certificado escolar) que incontestavelmente atesta o conhecimento adquirido como original (BOURDIEU, 1979).

O espaço social demarcado pelo *habitus* é o capital cultural incorporado pelo processo de socialização do indivíduo, por meio da educação na família e escola (BOURDIEU, 2002), que desenvolve e fortalece a solidariedade e a identidade, como também a antipatia e o preconceito, levando à marginalização do negro. Portanto, ocorre a reprodução de um *habitus* precário, originando a inadequação e marginalidade de grupos, como a questão da cor da pele, que compromete a autoestima do sujeito como uma ferida, levando à carência e marginalização do negro, que não tem forças para lutar contra um sistema e se sente incapaz, inerte, com baixo desempenho, como se o fracasso fosse pessoal (SOUZA, 2003).

O *habitus* pode ser primário e secundário, além do precário. O *habitus* primário corresponde a um conjunto de predisposições psicossociais, que refletem na esfera da personalidade e predisposições cognitivas, para atender às demandas do papel de produtor nas condições capitalistas modernas. O secundário se refere ao desempenho diferencial na esfera produtiva, associada a uma estilização da vida diária, concretizado pelo reconhecimento e respeito social sublimar, e o precário está abaixo do primário (BOURDIEU, 2002). Enfim, sem igualdade não há condições de se ter um único *habitus* para todos (SOUZA, 2003).

O cobiçado capital simbólico é um pouco mais difícil por se referir ao reconhecimento, prestígio, legitimando a pessoa. Para se alcançar o capital simbólico é um processo em longo prazo e depende de oportunidades, o que muitas vezes as mulheres negras não conseguem devido ao sexismo e racismo. O capital simbólico denominado como prestígio, autoridade, diferenças reconhecidas, aceitas e legitimadas auferem lucro de distinção aos agentes pelas representações que os distinguem. Esses atributos adquiridos são o meio de lucro e de poder que garante uma posição social em

determinado contexto social e histórico, podendo ser um signo distintivo ou um estigma social (BOURDIEU, 2013).

No cotidiano do Brasil, a relação entre raça e classe é a base da sociologia das relações raciais, que tem como preocupação analítica contínua identificar raça como variável na configuração de desigualdade de classe (LIMA, 2012). Nas relações de desigualdades, uma classe que tem um passado de opressão não pode ser avaliada somente por meio de um marcador, pois a própria classe pode exercer uma dominação devido ter privilégios sob outras situações (PISCITELLI, 2012).

DeSouza (2020) em seu estudo sobre classe social como fio condutor para desigualdades ressalta que os três marcadores sociais relacionados as subjetividades como raça, gênero e classe ocasionam subordinação, hierarquização e exploração dentro de determinadas categorias identitárias. E para os sujeitos do curso de administração que participaram da sua investigação, a classe é vista como envolta por aspectos objetivos e subjetivos em sociedades com baixo desenvolvimento e ressaltam o elevado nível de estratificação social comum na sociedade do Brasil. Assim, o que perdura é uma desigualdade estrutural. Seu estudo é uma complexidade de fatores culturais, econômicos, políticos e sociais, portanto, necessita de recortes teóricos.

No caso desse trabalho, que identifica práticas de capitais por mulheres negras e brancas, o recorte perpassa, a priori, pelos estudos de Aguiar (2007) e Stolcke (1991), cuja abordagem são os conceitos contemporâneos de sexo e de raça. As conceituações foram fundamentais para legitimar a dominação burguesa na sociedade de classes que emergiu após a revolução industrial. Ela naturalizou a desigualdade por meio da diferença biológica entre homens e mulheres.

A sociedade de classes foi consolidada no século XIX, fortalecendo a desigualdade social (STOLCKE, 1991). Segundo Alves (2013, p.273), as relações sociais de sexo e as relações de classe são antagônicas, devido às relações sociais de sexo serem interpretadas como “desiguais, hierarquizadas, assimétricas ou antagônicas de exploração e de opressão entre duas categorias de sexo socialmente construídas” e as de classe, como artefato para a hiperexploração econômica de homens e de mulheres no trabalho e na sociedade capitalista.

Para Stolcke (1991), as relações sociais de classes expõem uma disposição em evidenciar que as desigualdades sociais decorrem de um fenômeno natural, que induz ao debate do porquê de as diferenças sexuais e raciais, pareadas com a diferença de classe, acabam reproduzindo a opressão das mulheres em geral e as diferenças entre elas nessa sociedade classista. Não obstante, as desigualdades sociais são apontadas nas sociedades de classes e legitimadas por representações que, na verdade, não

as legitimam em sua raiz devido às diferenças naturais e aos detentores do poder, como no caso do feminismo.

Para Abramo (2006), as desigualdades de gênero e raça constituem eixos estruturantes da base da desigualdade no Brasil, em decorrência de serem a raiz contínua de reprodução da pobreza e exclusão social. Para reduzir essa desigualdade, é necessário suplantar os déficits de trabalho decente que ainda persistem e participar efetivamente para atender aos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. Já as vulnerabilidades sociais são condicionantes que levam à precariedade ao acesso à direitos e proteção social marcados pelos acontecimentos de incertezas e inseguranças, além da fragilidade e ou nulidade de acesso aos serviços e recursos para sustentação da vida com qualidade (CARMO; GUIZARDI, 2018).

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa (BEHLING et al., 2022 2002). A entrevistas foram do tipo semiestruturadas (CHERON; SALVAGNI; COLOMBY, (2022) propiciam obter o máximo da comunicação entre as ideias do pesquisador e o respondente. Um roteiro foi definido para ser utilizado juntos às estudantes, negras e brancas, e foi composto por 18 questões que abordam questões referentes a raça, gênero, classe social e carreira.

As 22 estudantes foram divididas em negras (11) e brancas (11), todas elas brasileiras e universitárias de instituição privada. Elas eram dos seguintes cursos: Relações Públicas, Psicologia, Arquitetura, Pedagogia, Engenharia, Direito, Serviço Social, História, Cinema, Relações Internacionais e Ciências Contábeis. Essas estudantes, com idade média de 22,7 anos (negras) e 23,4 anos (brancas) frequentavam os cursos em um dos três turnos: diurno, vespertino ou noturno.

As estudantes foram escolhidas a partir de critérios de inclusão: idade igual ou superior a 17 anos para ambos os grupos; e aceitação quanto à participação na entrevista, com ciência do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O estudo foi submetido à Plataforma Brasil para avaliação e cumprimento dos procedimentos éticos relacionados à pesquisa, que foi aprovada e registrada – CAAE 09517719.9.0000.5137 (FERREIRA, 2020).

As estudantes foram selecionadas por acessibilidade e tipicidade, pois as graduandas precisavam ser negras e brancas para atender às necessidades da pesquisa. A quantidade de estudantes foi suficiente devido à ocorrência de saturação dos dados (GASKELL, 2002), situação que ocorre na medida em que as entrevistas se desenvolvem e as respostas não sofrem alterações substanciais. O tempo total

de audição dessas entrevistas foi de 684,9 minutos. As participantes foram resguardadas de toda e qualquer forma de publicação digital e/ou impressa, bem como de exposição oral. As estudantes foram identificadas por meio de códigos formados para letras e números, sendo E (entrevistada), N (negra) e B (branca): EN1, EN2... EN11; EB1, EB2... EB11.

A partir das narrativas das estudantes, os capitais que elas possuem foram classificados conforme o modelo proposto por Fraga (2020), visando identificar os capitais vivenciados por elas. Como produto do modelo do estudo gerou o desenho similar a Tabela Periódica com os capitais na situação de pobreza. O modelo está descrito na tese defendida por Fraga (2020) na PUC Minas, apresenta mais colunas e linhas, e neste estudo foi feito um recorte com os principais elementos. Os estudos apontaram diversas práticas que foram utilizadas por pessoas em situação de pobreza. Tais práticas foram elencadas segundo os capitais de Bourdieu, conforme o modelo abaixo (Fig. 1).

Figura 1 - Tabela Periódica das Práticas de Mobilização de Capitais na Situação de Pobreza

1		2			3	
CAPITAL ECONÔMICO		CAPITAL CULTURAL			3.1	4
1.1	1.9	2. A	2. B	2. C	Confiança em pessoas para realização de micronegócios	CAPITAL SIMBÓLICO
Tr- F Trabalho fichado	SCA Serviços compartilhados entre amigos	CAPITAL CULTURAL INCORPORADO	CAPITAL CULTURAL OBJETIVADO	CAPITAL CULTURAL INSTITUCIONALIZADO	CoPMN	
1.2	1.10	2. A1	2. B1	2. C1	3.2	4.1
Tr- Pr Trabalho por produção	CFP Compras fiadas e parceladas	MTb Disposições para múltiplos trabalhos	AqV Aquisição do necessário para vestir	CNH Habilitação - carteira de motorista	PFI Priorização de boas relações com os filhos	DEUS Crença em Deus ou ser superior
1.3	1.11	2. A2	2. B2	2. C2	3.3	4.2
BI "Bicos"	EmF Priorização de empréstimos de familiares	HLCC Hábitos de lazer em casa e na comunidade	PensTer Pensamento para ter o que quer: amor pelo que tem	TrEs Priorização do trabalho em detrimento do estudo	ReCo Participação e utilização de recursos da e para a comunidade	ACon Autoconfiança: ser capaz, não se vitimizar
1.4	1.12	2. A3	2. B3	2. C3	3.4	4.3
NS Negócios para sobrevivência	BS Recebimento de benefícios sociais	OFI Aprendizagem de ofícios familiares e inovação	UtMov Utilidades como móveis de acordo com o espaço da casa	TrEs - S Trabalho e estudo: conciliação do tempo	APPsoc Criação das amizades com pessoas dos programas sociais e participação	AVR Construção da autovalorização
1.5	1.13	2. A4	2. B4	2. C4	3.5	4.4
FT Trabalhos para toda a família	Do Aceitação de doações	PscF Priorização do sustento e convivência familiar	APA Demonstração dos cuidados com a aparência - imagem	CPT Capacitação por meio de cursos profissionais e treinamentos	Lfam Utilização de laços familiares	DIGA Atuação com dignidade e independência de ação

Fonte: Fraga (2020).

O modelo está descrito na tese defendida por Fraga (2020) na PUC Minas, sendo parcialmente reproduzido aqui, com consentimento da autora. Os estudos de Fraga (2020) apontaram diversas práticas que foram utilizadas por pessoas em situação de pobreza.

Foi adotado a análise narrativa que tem o propósito de extrair as experiências, sendo as experiências das práticas o fenômeno a ser investigado (CLANDININ; CONNELLY, 2015). Na visão desses autores a temporalidade, a sociabilidade e o espaço físico são a base para um estudo narrativo. Esses autores fazem o cruzamento das dimensões temporal, interacional e contextual e relaciona com vivência de cada um sujeito da pesquisa.

Dados e resultados da pesquisa: análise das narrativas das entrevistadas

Os quadros 1 e 2 apresenta as narrativas de todas as estudantes negras e brancas que foram entrevistadas e os respectivos resultados das análises de seus relatos (em itálico). Falas importantes que permitiram a identificação ou não dos capitais de Bourdieu, ou seja, das suas práticas. As análises com a identificação dos capitais estão abaixo de cada narrativa. Em relação a ter filhos, nenhuma estudante negra tem filhos e somente uma estudante branca de 45 anos possui três filhos.

Quadro 1 - Narrativas de trajetória de vida das estudantes negras em termos de mercado de trabalho

Estudantes/ dados	Trajétória de vida das estudantes negras em termos de trabalho
EN1-21 anos Trabalha atualmente – sim Tempo que trabalha ou trabalhou: 8 anos Esfera privada - 3º setor ProUni - 100 % Curso- Relações públicas	Comecei a trabalhar desde cedo entre 11 a 12 anos de idade, ajudando o meu pai nos negócios, com a função de organização e dava aula de caligrafia. O meu primeiro emprego formal foi aos 17 anos após o curso realizado no SENAI de auxiliar administrativo na Copasa. Depois fui operadora de caixa em farmácia. Aos 21 anos comecei a trabalhar em banca de revista, realizando multitarefas desde limpeza a venda de produtos. Após o meu emprego em banca fiz estágio na prefeitura na área de comunicação. Atualmente sou auxiliar de eventos em uma igreja evangélica, atuando como relações públicas.
<i>EN1-Capital Econômico: FT, visto que a entrevistada iniciou seus trabalhos bem cedo; Tr-F (caixa de farmácia) e BS (ação afirmativa). Capital Cultural Incorporado: MTb; Capital cultural institucionalizado: TrEs -S e CPT. Capital social: APPsoc. Ela vai realizando cursos e incorporando habilidades para diversificar sua atuação no mercado de trabalho e assim amplia também o seu Capital Social.</i>	
EN2-23 anos Trabalha atualmente - sim Tempo que trabalha ou trabalhou: NT Esfera privada - estágio ProUni - 50 % Curso- Psicologia	Já trabalhei como menor aprendiz e depois como almoxarife hospitalar e hoteleira industrial. Faço pesquisa PRÓBIC... no momento... faço, coordeno um grupo de estudos, grupo de estudos pretos (autores negros, relações étnicas, étnicas raciais) aqui da psicologia. Coordeno o grupo de pesquisa sobre mulheres bissexuais e ideação suicida. Eu já fiz extensão com jovens em cumprimento de medida socioeducativa de 12 a 18 anos, projeto de extensão denominado Laços. Fora isso, projeto de extensão eu já fiz um, em parceria com a PUC e o INSS com reabilitados do INSS, algum tipo de deficiência visual, auditiva, intelectual, então eram oficinas voltadas para o mercado de trabalho e um outro, o último que eu fiz foi na casa de referência da mulher Tina Martins. Casa de mulheres vítimas de violência doméstica. Bolsista FAPEMIG. Eu termino meu contrato de estágio e começa outro contrato de estágio até conseguir um emprego formal.

<p><i>EN2: Capital econômico: Tr-F (almoxarife), BS (ProUni e Próbic), BI (estágios); Capital cultural incorporado: MTb (extensão) e TrEs-S; Capital social: APPspc(criação de amizades) e ReCo (contatos em múltiplos lugares). O estágio é remunerado sendo o meio de obter renda para as despesas pessoais. Como tem bolsa da Fapemig além do ProUni, ela participa em vários projetos.</i></p>	
<p>EN3-19 anos Trabalha atualmente - sim Tempo que trabalha ou trabalhou: 6 meses Esfera privada ProUni - 50 % Curso- Serviço social</p>	<p>Trabalho, mas eu percebo a dificuldade de conciliar com a faculdade. Trabalho na empresa da minha tia devido à necessidade de pagar a faculdade. É uma empresa familiar. Meu pai e outra tia também trabalham na empresa. Em São Paulo é somente família, já em Belo Horizonte trabalham outras pessoas. Minha função é cuidar da documentação, verificar processos, busca de clientes e <i>office girl</i>.</p>
<p><i>EN3: Capital econômico: Tr-F(empresa da tia); BS(ProUni). Capital cultural incorporado: OFI(trabalho familiares) e institucionalizado: TrEs-s; Capital social: Lfam e APPsoc . O ato de trabalhar e estudar dependendo da carga horária de trabalho reflete na situação de classe da estudante e pode impactar seu aproveitamento no curso.</i></p>	
<p>EN4-24 anos Trabalha atualmente - sim Tempo que trabalha ou trabalhou: NT Esfera privada - estágio ProUni - 100 % Curso – Engenharia</p>	<p>Faço estágio. Quando estava fazendo curso técnico tive oportunidade de fazer estágio também, na área do curso técnico, fiquei um ano mais ou menos trabalhando lá. Quando eu voltei para a faculdade decidi dedicar só para faculdade, aí entrei empolgada querendo aproveitar tudo que a faculdade oferece, eu já voltei com as matérias, procurando projeto de extensão e empresa júnior, empolgação total.</p>
<p><i>EN4: Capital econômico: TR-F (estágio), BS (ProUni), BI (projetos,etc). Capital cultural incorporado:MTb; Capital Institucionalizado: TrEs –S,Capital social: CoPMN(empresa júnior);APPsoc. Esta estudante busca renda por meio de estágio e ampliar sua rede social.</i></p>	
<p>EN5-21 anos Trabalha atualmente - sim Tempo que trabalha ou trabalhou: 4 meses Esfera privada ProUni - 100 % Curso- Pedagogia</p>	<p>Sou estagiária e trabalho em escola particular como monitora de inclusão de crianças com síndrome de <i>down</i>. Trabalho pela manhã e 30h por semana. Já trabalhei como aprendiz em hospital. Gostava da função mais ou menos, porque não era a minha área, eu trabalhava em departamento pessoal. Não sou regular no período.</p>
<p><i>EN5: Capital econômico: Tr-F (monitora escola) e BS (ProUni); Capital cultural incorporado: TrEs(estágio e trabalho). Capital social: APPspc(criação de amizades). Devido a necessidade de trabalhar compromete seus estudos.</i></p>	
<p>EN6- 23 anos Trabalha atualmente - sim Tempo que trabalha ou trabalhou: NT Esfera pública - estágio FIES - 100 % Curso- Arquitetura</p>	<p>Faço estágio na Petrobrás na área que estou formando. Consegui porque no meu currículo, tem um intercâmbio feito por 6 meses em Dublin, foi um facilitador e tem uns projetinhos que eu já fiz aqui também. Fiz estágio em um escritório que trabalhava com estrutura de alumínio, fiz durante o ano passado e fiz três períodos de extensão aqui no escritório de integração na PUC também. É uma pegada mais social, dando assessoria para ocupações e coisas do tipo e outros projetos do mesmo estilo. Fiz um também no aglomerado da Serra que estudava tipologias de Lages. [...] no final a gente tinha que desenvolver e ir contando mais a trajetória de como que a gente fez os levantamentos. Esse projeto era Consciências Sociais, os outros que eu estava nas ocupações eram com arquitetura mesmo, mas sempre envolve mais cursos, como nas ocupações a gente vai lá dar assessoria. A gente foi fazer o parcelamento da ocupação Esperança, ao chegar neste lugar você tem a gleba de terra toda e você tem que lotear aquilo, você tem que dividir os lotes, você tem que colocar os arruamentos. Envolve com vários projetos. Tem que estar à disposição da ONG, assim, eu estava em cinco projetos lá nesse tempo que eu fiquei lá, foi bem legal. Estudei em escola pública e tenho inglês fluente devido intercâmbio feito na faculdade na Irlanda.</p>
<p><i>EN6: Capital econômico: Tr-F (estágio) e BS (FIES); Capital cultural incorporado: MTb(projetos); Institucionalizado: CPT (intercâmbio) e TrEs -S ; Capital social : ReCO e APPsoc. A posse de capital cultural favorece maior capital social.</i></p>	

<p>EN7-19 anos Trabalha atualmente - sim Tempo que trabalha ou trabalhou: 5 meses Esfera privada ProUni - 100 % Curso- Direito</p>	<p>Fiz estágio no setor de Recursos Humanos há 5 meses em empresa privada perto daqui.</p>
<p><i>EN7: Capital econômico: Tr-F e BS (ProUni). Capital cultural institucionalizado: TrEs -S e Capital social: APPsoc. A ação afirmativa propicia a posse de outros capitais. A estudante procurou se reservar ao falar sobre o trabalho.</i></p>	
<p>EN9-21 anos Trabalha atualmente - sim Tempo que trabalha ou trabalhou: 8 meses Esfera privada - monitoria ProUni - 50 % Curso- Cinema</p>	<p>Sou monitora na PUC Minas da Praça da Liberdade. Tenho 8 meses na monitoria e tenho bolsa de menos de um salário mínimo referente a 2019. Nunca trabalhei antes.</p>
<p><i>EN9: Capital econômico: Tr-F (monitoria) e BS (ProUni). Capital cultural institucionalizado: TrEs -S; Capital social: APPsoc. A ação afirmativa propicia a posse de outros capitais além de conseguir trabalho via universidade-estágio.</i></p>	
<p>EN10-37 anos Trabalha atualmente - sim Tempo que trabalha ou trabalhou: 8 anos Esfera privada FIES - 100 % Curso- Ciências contábeis</p>	<p>Trabalho em empresa de contabilidade em Belo Horizonte. Já trabalhei antes em outro escritório de contabilidade, logo, bastante tempo trabalho neste ramo, cerca de 9 anos. Antes de entrar neste segmento trabalhei como operadora de caixa.</p>
<p><i>EN10: Capital econômico: Tr-F (trabalho) e BS (ProUni). Capital cultural institucionalizado: TrEs -S Capital social: APPsoc. A renda é um quesito essencial para mulher negra, e seu último trabalho influenciou na escolha do curso.</i></p>	
<p>EN11-24 anos Trabalha atualmente - não Tempo que trabalha ou trabalhou: já trabalhou. Esfera privada FIES - 100 % Curso - Arquitetura</p>	<p>Comecei a trabalhar com 14 anos. Já fui corretora de seguros e fui gestora de evento. Eu trabalhei em três lojas. Sou maquiadora também. Atualmente, não trabalho e quem dera, estivesse trabalhando.</p>
<p><i>EN11: Capital econômico: BI (maquiadora) e BS (FIESi); Capital social: APPsoc. Importância da renda na vida dela.</i></p>	

Fonte: Elaborada pela autora. **Legenda:** EN-Estudante negra. NT-Sem informação.

Quadro 2 - Narrativas de trajetória de vida das estudantes brancas em termos de mercado de trabalho

Estudantes/ idades	Trajatória de vida das estudantes brancas em termos de trabalho
<p>EB1-25 anos Trabalha atualmente - não Tempo que trabalha ou trabalhou: 9 meses Esfera privada - acabou de sair do estágio e fiz Ciências sem Fronteiras Não tem ProUni e FIES Curso- Relações públicas</p>	<p>Eu fiz estágio aqui na PUC mesmo, na SECOM, na assessoria de relações públicas deles e trabalhava como voluntária no Nação, que é um, a gente chama um clube de impacto social, que... onde a gente ajuda as organizações sociais a se tornarem mais autossustentáveis. É voluntário, mas esse semestre eu vou ter que sair. Lá eu trabalhava no setor de comunicação. Eu cuidava da parte da comunicação do Nação. Então: rede social, comunicação interna, uma comunicação integrada no geral mesmo. Eu fiz Engenharia de Produção antes de largar e mudar para Relações Públicas, e eu trabalhei no meu intercâmbio que eu fiz, fiquei um ano e meio na Austrália fazendo Ciências sem Fronteiras. Eu trabalhei num restaurante como voluntária, eu era garçonete. E fiz um estágio (2 meses) como voluntária, na parte... numa empresa de <i>Web Design</i>, eu trabalhava na parte de RH deles, na análise de currículo, organização de pastas, essas coisas assim...</p>

	E fora outros trabalhos, todos bem voluntários que eu pegava assim, evento, participar de evento, essas coisas assim, entregar flyer, essas coisas assim que eu fazia.
<i>EB1-Capital cultural incorporado: MTB;Capital cultural institucionalizado: CPT; Capital social: APPsoc e Lfam; capital simbólico: DIGA. O capital econômico e simbólico demonstra a não necessidade de trabalhar.</i>	
EB2-21 anos Trabalha atualmente - sim Tempo que trabalha ou trabalhou: 4 meses Esfera privada Não tem ProUni e FIES Curso- Psicologia	Desde que eu entrei na faculdade eu procurei coisa para fazer, então no segundo período eu fui voluntária numa escolinha para pessoas com deficiência, eu ficava lá no segundo período, aprendi bastante... já fiz empresa júnior, fiz projeto de extensão, já trabalhei no hospital em RH, no Felício Rocho... Esse ano eu estou no RH de outra empresa... Chama DTI Digital... é de tecnologia. Trabalho na Psicologia em Revista. Aqui eu fico responsável por todo processo mesmo, da Revista de Psicologia. Fica aqui na Pós-Graduação, ela é feita pelos professores da PUC mesmo, de Psicologia e eu recebo os artigos e encaminhamento para os professores, eles avaliam, se o parecer por parte deles for positivo, a gente envia para outros pareceristas, que tem a ver com o tema e que sabem do tema, eles avaliam, e eu fico fazendo esses trâmites de avaliação dos artigos. Eu gosto, é bem tranquilo, eu faço estágio em outro lugar também, é mais movimentado.
<i>EB2-Capital econômico: Tr-F (trabalho), BI (eventos); Capital cultural institucionalizado: TrEs-s ; Capital social: APPsoc. A estudante não precisa de ação afirmativa, sugerindo vir de uma família o capital econômico razoável.</i>	
EB3-45 anos Trabalha atualmente - sim Tempo que trabalha ou trabalhou: 4 anos Esfera pública ProUni - 50 % e Fies -50% Curso- Serviço social	Eu trabalho, sou entrevistadora social na Prefeitura de Belo Horizonte. Eu trabalho no Bolsa Família. Faço cadastro, visita domiciliar, para todos os benefícios do Governo Federal. O cadastro é de dois em dois anos neste programa. Eu fiquei 6 meses no Tribunal de Justiça no estágio. Eu fiquei um ano e um mês na Prefeitura como estagiária, fazendo esse serviço que eu faço hoje. Fiquei um ano como especialista aqui da PUC na APAC.
<i>EB3-Capital econômico: Tr-F (trabalho). Capital cultural incorporado: MTB; BS (ProUni, FIES); Capital cultural institucionalizado: TrEs-s ; Capital social: APPsoc. A estudante já trabalhou e estagiou incrementando sua rede social.</i>	
EB4-23 anos Trabalha atualmente - sim Tempo que trabalha ou trabalhou: 2 anos Esfera privada - ProUni - 50 % e Fies- 50% Curso- Engenharia	Trabalho com monitoria... Eu considero um trabalho... Na engenharia. Eu faço os posts do Facebook, da página, eu faço meio que a publicidade do curso de eletrônica no Facebook. Antes disso eu era secretária e antes de ser secretária eu era monitora, de sistemas digitais, que é uma matéria do terceiro período, e antes disso eu trabalhei numa empresa de... motores elétricos, eu fazia rebobinamento de motor e, painéis de comando, de acionamento de motores. Eu comecei lá com 16 anos e eu fui mais ou menos até meus 18, nesta empresa de pequeno porte.
<i>EB4-Capital econômico: Tr-F (trabalho); BS (ProUni, FIES); Capital cultural institucionalizado: TrEs-s ; Capital social: APPsoc. Começou a trabalhar cedo e presta serviço de mídia na faculdade para obtenção de renda.</i>	
EB5-20 anos Trabalha atualmente - sim Tempo que trabalha ou trabalhou:11 meses Esfera pública - estágio ProUni - 100 % Curso- Pedagogia	Eu faço estágio, atualmente pela Prefeitura de Contagem em uma escola pública desde novembro de 2017. Eu sou apoio de inclusão, acompanho alunos com necessidades especiais e tenho 10 alunos, faço acompanhamento no turno da manhã. Eu fui jovem aprendiz, trabalhei na área de RH. Eu estava com 15 para 16 anos. Na pedagogia faço estágio.
<i>EB5-Capital econômico: Tr-F (trabalho); BS (ProUni); Capital cultural institucionalizado: TrEs-s ; Capital social: APPsoc. Começou a trabalhar cedo e o estágio propicia renda para si e família.</i>	
EB6-21 anos Trabalha atualmente- sim Tempo que trabalha ou trabalhou:1,4 anos Esfera privada ProUni - 100 % Curso- Arquitetura	Eu fui jovem aprendiz em departamento pessoal e atualmente faço estágio, um ano e quatro meses. O estágio é em um escritório home office, em casa. Auxílio em projeto assim, desenho arquitetônico, esse tipo de coisa.
<i>EB6-Capital econômico: Tr-F (trabalho); BS (ProUni); Capital cultural institucionalizado: TrEs-s ; Capital social: APPsoc. Começou a trabalhar cedo, atualmente dedica ao estágio em casa, na área de sua profissão.</i>	
EB7-19 anos Trabalha atualmente - não	Nunca trabalhei. Eu tenho vontade de fazer psicologia depois que eu formar. Mas vai demorar. Direito dá mais dinheiro, confesso.

Tempo que trabalha ou trabalhou: NT Esfera privada - NT Não tem ProUni e Fies Curso- Direito	
<i>EB7- Capital simbólico: DIGA e AVR. Capital social: Lfam. Tem capital economico dos pais, simbólico e social.</i>	
EB8-9 anos Trabalha atualmente - não Tempo que trabalhou: 3 anos Esfera privada ProUni - 100 % Curso - História	Não trabalho e já trabalhei 3 anos em padaria, sendo o primeiro e único emprego. Não sou de Belo Horizonte e moro em república.
<i>EB8-Capital econômico: Tr-F (já trabalhou), BI (eventos); BS (ProUni); Capital cultural incorporado: PscF(república);Capital cultural institucionalizado: TrEs-s ; Capital social: APPsoc. Estudante dedica só ao estudo.</i>	
EB9-23 anos Trabalha atualmente - sim Tempo que trabalha ou trabalhou: 12 anos Esfera privada - ProUni - 100 % Curso- Cinema	Dou aula e trabalho com eventos também à noite, eu faço jogo no Independência, faço boate às vezes, tem que vender bilheteria, vender copo, boné, às vezes pega todo tipo de evento que você vê ensaio, já fiz casamento, 15 anos, já trabalhei em restaurante também, todas as funções dentro da cozinha, no salão, intermediário que a gente chama de “Comim”.
<i>EB9-Capital econômico: Tr-F (trabalho), BI (eventos); BS (ProUni); Capital cultural incorporado: MTB;Capital cultural institucionalizado: TrEs-s ; Capital social: APPsoc. A situação de equilibrar trabalho e estudo, para ter renda.</i>	
EB10-21 anos Trabalha atualmente - sim Tempo que trabalha ou trabalhou: 6 meses Esfera privada ProUni - 50 % Curso- Ciências Contábeis	Eu faço estágio na área de administração no Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e pequenas empresas há 2 meses e já trabalhei antes.
<i>EB10-Capital econômico: Tr-F (trabalho); BS (ProUni); Capital cultural institucionalizado: TrEs-s ; Capital social: APPsoc. O estágio leva sua autonomia (renda).</i>	
EB11-20 anos Trabalha atualmente - sim Tempo que trabalha ou trabalhou: 2 meses Esfera privada ProUni - 50 % Curso-Relações internacionais	Não trabalho. Faço estágio na pós-graduação em administração na PUC Minas há 2 meses. Já trabalhei, mas foi meio assim informal, não foi uma coisa muito séria não, e eu trabalho com fotografia também há 4 anos. Autônoma. Geralmente fotografo mais família. Mais evento também... o que aparecer.
<i>EB11-Capital econômico: Tr-F (já trabalhou), BI (eventos); BS (ProUni); Capital cultural institucionalizado: TrEs-s ; Capital social: APPsoc. Estudante não necessita de trabalho formal para sua e outrem sobrevivência.</i>	

Fonte: Elaborada pela autora. **Legenda:** EB-Estudante branca.

Conclusões

O objetivo do estudo foi identificar os capitais de Bourdieu presentes no cotidiano de estudantes universitárias, negras e brancas, por meio da proposição de um recorte do modelo construído por Fraga (2020). O novo campo de pesquisa aponta a identificação dos capitais que foram mencionados nos resultados do modelo construído e estes capitais são interseccionados pela raça partir do sexo/

gênero e classe social (CRENSHAW,1991).

As discussões das narrativas possibilitou identificar os capitais das estudantes negras e brancas permitindo reflexões quanto à diferenciação dos meios e oportunidades aos recursos. Retrata uma das características da desigualdade no Brasil que perpassa pela geração de empregos e inclusão, em especial, quanto à raça. Ressalta-se a importância das ações afirmativas para inserção no ensino superior.

A identificação dos diversos tipos de capitais de Bourdieu (2002, 2005, 2013) presentes no cotidiano de estudantes universitárias, negras e brancas apontam que as mulheres negras sempre buscam trabalhar desde cedo para ter o capital econômico e envolve em múltiplos serviços. Nas narrativas das mulheres brancas, algumas também destacaram o trabalho, porém, EB1 respondeu ser trabalho voluntário como forma de aprendizagem. EB7, EB8 e EB11 não trabalham, ficando por conta do estudo. Isso pode implicar que elas já possuem capital econômico para se manter, foi o caso da entrevistada EB1e EB11. Em outra dimensão, tem-se as mulheres brancas que não trabalham ou nunca trabalhou, o caso de EB1 e EB7. Tal situação também foi encontrada para as mulheres negras, mas de forma reduzida como a entrevistada EN9. Ressalta-se que EN8 é 100% ProUni, curso de História, 18 anos, optou por não falar de sua trajetória e por isso, não consta no quadro 1.

No campo do capital simbólico, as entrevistadas brancas permeiam o mesmo destacando o local de trabalho e seu reconhecimento no mesmo, como o caso da entrevistada EB1. Para as mulheres negras, evidenciou-se esse campo para a entrevistada EN6. Foi uma narrativa que chamou atenção e que em paralelo apontou a utilização e influência do capital social na vida dessa mulher negra.

De forma abrangente, todas as mulheres negras e brancas utilizaram de capital social, sendo esse, a rede de relações que elas possuem. Como todas são universitárias, percebeu-se que o principal capital social foi a educação que propicia oportunidades para ambas. E com oportunidades derivadas desse capital social, surge o capital cultural incorporado e simbólico. Com a efetividade dos mesmos o que se espera é a conversão em capital econômico, tanto quanto aos melhores salários como aos melhores empregos. As entrevistadas movimentaram o capital tanto como monitoras, estagiárias e participantes de projetos de extensão. Portanto, a educação é um meio para minimizar o quadro de desigualdade no Brasil e que capacita as pessoas para terem melhores condições de vida.

Em síntese, o cenário complexo da perpetuação da desigualdade racial e social, nos levam a indagar: Todos são iguais perante a sociedade? A reflexão de igualdade ante aos direitos sociais e de oportunidades em uma sociedade transcende a menção de que “somos todos iguais perante a lei”

(BRASIL, CF, 1988, art.5). Expressão que evidencia uma realidade contraditória quando se fala do ambiente brasileiro. Portanto, o cotidiano nos mostra que a defendida e ilusória igualdade perante a lei deveria ser um atributo cultural de qualquer país, e não somente, uma legislação (nem sempre eficaz). A igualdade deve ser perante a sociedade, se constrói pelos valores e respeito à diversidade. A história brasileira nos apontam para um quadro cultural de construção de desigualdade caminhando na contramão da igualdade perante a lei e sua efetividade.

Referências

- ABRAMO, Laís. Desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro. **Ciência e Cultura**, v. 9, n. 2, p. 257-265, Dec. 2006.
- AGUIAR, Márcio Mucedula. A construção das hierarquias sociais: classe, raça, gênero e etnicidade. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, v. 20, n. (36/37), p. 83 – 88, 2007.
- ALCÂNTARA, Luiza Maria Escardovelli; DUARTE, Fabiana Giannetti. Manifestações das desproteções sociais: relações entre o neoliberalismo e a (des) proteção social. **O Social em Questão**, ano 22, n 45, p. 261-278, set. / dez. 2019.
- ALVES, Ana Elizabeth Santos. Divisão sexual do trabalho: a separação da produção do espaço reprodutivo da família. **Trabalho, Educação e Saúde**, v.11, n.2, p. 271-289, Aug. 2013. Doi: 10.1590/S1981-77462013000200002
- ANDRADE, Priscilla Maia de; PEREIRA, Lucélia Luiz. A (In) visibilidade de Gênero e Raça na Assistência Social: estudo de caso nos Centros de Referência de Assistência Social. **O Social em Questão**, ano 22, n. 45, p. 57-80, set./ dez. 2019.
- BEHLING, Gustavo; LENZI, Fernando César; ROSSETTO, Carlos Ricardo. Upcoming issues, new methods: using interactive qualitative analysis (IQA) in management research. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 26, n. 4, p.1-18, 2022. Doi: 0.1590/1982-7849rac2022200417.en
- BOURDIEU, Pierre. Les trois états du capital culturel. **Actes de la recherche en sciences sociales**. L'institution scolaire, Paris, n. 30, p. 3-6, nov. 1979. Doi : 10.3406/arss.1979.2654
- BOURDIEU, Pierre. Le capital social - notes provisoires. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 31, p. 2-3, 1980. Le capital social. Recuperado em :< www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1980_num_31_1_2069>. Acesso em 10 jan. 2020.
- BOURDIEU, Pierre. **Propositions pour l'enseignement de l'avenir/Rapport au Président de la République**. Paris: Collège de France, 1985
- BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. In Richardson, J. G. (ed.). **Handbook of theory and research for the sociology of education**. New York: Greenwood Press, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. **The Logic of Practice**. Stanford: Stanford University Press, 1980,1990.
- BOURDIEU, Pierre. Espaço social e gênese das classes. In: **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p.107-120.
- BOURDIEU, Pierre. Condição de classe e posição de classe. In: **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 27-78.
- BOURDIEU, Pierre. Capital simbólico e classes sociais. **Novos estudos CEBRAP**, n. 96, p. 105-115, July 2013. Doi: 10.1590/S0101-33002013000200008
- BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Centro

Gráfico, 1988.

CAPRARA, Bernardo Mattes. Condição de Classe e Desempenho Educacional no Brasil. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 4, e93008, 2020. Doi: 10.1590/2175-623693008

CARMO, Michelly Eustáquia de; GUIZARDI, Francini Lube. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cadernos de Saúde Pública**, v.34, n.3, p. 1-14, 2018. doi: 10.1590/0102-311X00101417

CLANDININ, D. Jean.; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. (2a ed.). Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU (Trad.). Uberlândia: EDUFU, 2015.

CHERON, Cibele; SALVAGNI, Julice; COLOMBY, Renato Koch. (2022). The qualitative approach interview in administration: a guide for researchers. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 6, n.4, p. 1-15, 2022. Doi: 10.1590/1982-7849rac2022210011.en

CRENSHAW, Kimberle. Mapping the margins: intersectionality, identity politics and violence against women of color. **Stanford Law Review**, v.46, n.6, p.1241-1299, 1991. Doi:10.2307/1229039.

CSP-Conlutas. **Consciência negra: IBGE revela a desigualdade racial no Brasil**. Notícias, 20 nov. 2020. Disponível em: <https://www.sedufsm.org.br/noticia/6328>>. Acesso em 19 jun 2022.

DeSOUZA, Eloísio Moulin. Classe social e produção de desigualdades: uma análise culturalista de classe. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v.19, n. 2, p. 181-202, mai./ago. 2020. Doi: 10.21529/RECADM.2020008

DEWEY, John. **Experiência e educação**. (2a. ed.). Anísio Teixeira (Trad.). São Paulo: Nacional, 1976.

FERREIRA, Cláudia A.A. **Desigualdades a partir de vivências de mulheres universitárias no mercado de trabalho formal brasileiro: intersecções com raça e classe**. 2020. Tese (Doutorado em Administração) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

FIALHO, Joaquim. O Capital social no contexto da Teoria Sociológica contemporânea. **Desenvolvimento e Sociedade**, n.1, p. 69-82, 1º nov. 2015.

FRAGA, Marinette Santana. **Pobreza e capitais: a voz das pessoas em situação de pobreza e suas práticas de mobilização de capitais**. 2020. Tese (Doutorado em Administração) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GUARIDO FILHO, Edson Ronaldo. Desigualdade social, responsabilidade de pesquisa e responsabilidade. **Revista de Administração de Empresas**, V.58, n.5, p. 511-516, 2018. Doi:10.1590/S0034-759020180507

LIMA, Márcia. "Raça" e pobreza em contextos metropolitanos. **Tempo social**, v. 22, n.2, p. 233-254, nov. 2012. Doi:10.1590/S0103-20702012000200012

PAES DE PAULA, Ana Paula. (2016, janeiro, março). Para além dos paradigmas nos Estudos Organizacionais: o Círculo das Matrizes Epistêmicas. **Cadernos EBAPE. BR**, v.14, n.1, p. 24-46, jan./mar. 2016. Doi:10.1590/1679-395131419

PISCITELLI, Adriana Gracia. Interseccionalidades, direitos humanos e vítimas. In: Miskolci, Richard; PELÚCIO, Larissa. (Orgs.). **Discursos fora da ordem: sexualidades, saberes e direitos**. São Paulo, Annablume, 2012

SOUZA, Jessé. (Não) Reconhecimento e subcidadania, ou o que é "ser gente"? **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 59, p. 51-73, nov. 2003. Doi:10.1590/S0102-64452003000200003

STOLCKE, Verena. Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade. **Estudos Afro-Asiáticos**, n. 20, p.101-119, jun. 1991. Doi:10.1590/S0103-73312004000200002